

Entrevista com Irene Maria Cardoso: agroecologia, política e feminismo

Priscila Dorella

¡DALE!, UFV

Entrevista com Irene Maria Cardoso: Agroecologia, política e feminismo

Resumo

A agroecologia vem se apresentando há décadas como um movimento político, social e científico que abarca um horizonte de possibilidades contra o modelo hegemônico do agronegócio. Uma das principais professoras do Brasil, formada pela Universidade Federal de Viçosa (UFV), que atua ativamente em defesa da ciência comprometida com a vida, dos saberes ancestrais que nos conectam com a natureza e dos movimentos feministas que lutam pela justiça e paz social é Irene Cardoso. A entrevista que segue é uma oportunidade de conhecermos a sua trajetória que nos inspira a construirmos outras cosmologias políticas.

Palavras-chave: agroecologia; política; feminismo.

Entrevista a Irene Maria Cardoso: Agroecología, política y feminismo

Resumen

La agroecología se presenta desde hace décadas como un movimiento político, social y científico que abarca un horizonte de posibilidades frente al modelo hegemónico del agronegocio. Una de las profesoras más destacadas de Brasil, licenciada por la Universidad Federal de Viçosa (UFV), que defiende activamente la ciencia comprometida con la vida, los conocimientos ancestrales que nos conectan con la naturaleza y los movimientos feministas que luchan por la justicia social y la paz, es Irene Cardoso. La siguiente entrevista es una oportunidad para conocer su trayectoria que nos inspira a construir otras cosmologías políticas.

Palabras clave: agroecología; política; feminismo.

Interview with Irene Maria Cardoso: Agroecology, politics and feminism

Abstract

Agroecology has been presenting itself for decades as a political, social and scientific movement that encompasses a horizon of possibilities against the hegemonic model of agribusiness. One of the main professors in Brazil, Irene Cardoso, graduated from the Federal University of Viçosa (UFV), works actively in defense of science committed to life and the ancestral knowledge that connects us with nature and also in defense of feminist movements that fight for justice and social peace. The following interview is an opportunity to get to know her trajectory that inspires us to build other political scenarios.

Keywords: agroecology; politics; feminism.

Irene Maria Cardoso é agrônoma, feminista e defensora da agroecologia como uma forma de luta pela vida. Descendente do povo indígena Puri, filha do orixá Omolu, que cuida da terra, procura exercer o seu ofício em sintonia com a sua espiritualidade. É uma visão de mundo construída na fronteira entre a universidade e a comunidade rural, que propicia troca de saberes e produz uma ecologia política transformadora das relações destrutivas dos seres humanos com a natureza. Nos últimos anos, presidiu a Associação Brasileira de Agroecologia (ABA) considerando o papel central que a América Latina ocupa nessa área de forte influência das tradições indígenas. Conheci o trabalho dela em um projeto de Intercâmbio Agroecológico, da Zona da Mata Mineira, que busca articular diversos conhecimentos técnicos com metodologias participativas, inspirado no trabalho de Paulo Freire. A partir de então, o meu olhar como historiadora mudou, não deixei mais de considerar a importância de pensar a relação do homem com a natureza. A entrevista que segue foi feita, em outubro de 2020, a partir de uma bela conversa, que fluiu como um rio caudaloso, capaz de nutrir nossa mente para nos conscientizarmos de que a forma como cultivamos certos conhecimentos científicos nem sempre serve ao bien vivir.

Foto: Irene Maria Cardoso (cedida pela entrevistada).





Irene Maria Cardoso

Como você se apresenta?

Eu sou filha de agricultores familiares, nasci na roça em Caratinga, saí muito cedo de casa, mas sempre tive uma relação muito forte com a roça. Fiz agronomia. Trabalhei como extensionista rural no Paraná e na Paraíba com o Movimento Sem Terra (MST). Passei pela pesquisa, antes de entrar na universidade, com uma especialização na Embrapa. Fiz mestrado em solos e nutrição de plantas e me tornei professora da Universidade Federal de Viçosa (UFV), Minas Gerais (MG). Depois fiz doutorado e mantive muitas parcerias com a Universidade de Wageningen (Holanda), que é para mim uma das universidades mais colonizadoras do mundo. É uma UFV internacional (universidade conhecida por fomentar o agronegócio), talvez até pior do que a UFV porque ela não é ligada ao Ministério da Educação, e sim ao Ministério da Agricultura, que possui uma relação mais próxima com empresas. Pela minha experiência, é possível perceber como aparece o pensamento colonial sutil e às vezes nem tão sutil na Universidade de Wageningen.

Qual é a sua visão da universidade pública?

Se eu tivesse que começar tudo de novo seria professora universitária porque é um dos ambientes mais democráticos para trabalhar. Acho que a universidade pública nos dá abertura para a gente construir o que a gente quiser, mesmo que com dificuldades, mesmo que com pressões, mesmo sem apoio que a gente acha que deveria ter. A universidade possibilita essa construção. A universidade nos permite estar sempre próximos aos jovens, que são os estudantes, o que nos faz renovar sempre. Além disso, por menos que a gente critique e por mais que seja conservadora, ela dá espaço para o contraditório. Não é como a gente gostaria que fosse, mas ela dá espaço para o contraditório. Então na minha época de graduação, mesmo tendo estudado durante a ditadura, eu tive professores como o Mauro Rezende que tinha um olhar muito diferente da relação da agronomia com a natureza. Ele contribuiu muito com o pensamento agroecológico brasileiro. Embora poucos reconheçam, porque ele sempre foi muito reservado, ele contribuiu enormemente para a formação do pensamento agroecológico e até mesmo com a formação da Universidade Federal da Integração Latino-Americana (UNILA). O Mauro falava assim: “Eu não trabalho para empresa porque o meu trabalho é tão valioso, eu custo tanto porque foi tanto investimento público nos meus estudos que não tem empresa nenhuma que pode pagar o que eu valho. Então eu prefiro trabalhar para o pobre porque é pobre e não tem mesmo dinheiro para me pagar”. Ele vivia com o salário dele tendo outra relação com a universidade e com a sociedade. A universidade sempre foi para mim muito mais do que a sala de aula e isso é o que permite, a meu ver, trazer o contraditório. É importante dizer que participei da Teologia da Libertação, antes de entrar na universidade, e como filha de agricultor me veio a decisão de contribuir de alguma forma para um mundo melhor. Percebi, desde os 16 anos, que ou eu buscava um caminho para contribuir com as coisas que eu acreditava, ou então eu não ia ver sentido na vida. Ou era a luta ou era a depressão. Eu não fiz agronomia para ganhar rios de dinheiro e trabalhar para multinacional. Fiz agronomia para atuar na agricultura familiar e para contribuir com os pobres, que é de onde eu venho, é a minha identidade. Escolhi a luta. As leituras que fiz de Leonardo Boff, Frei Beto e até o conhecimento de lutas como a da boliviana Domitilia Barrios foram muito marcantes para mim.

Como foi o seu contato com a agroecologia na universidade do agronegócio (UFV)?

Quando entrei na universidade, já no primeiro mês, iniciamos uma greve que fortaleceu a articulação dos estudantes calouros com o movimento estudantil, a exemplo das atividades



dos centros acadêmicos, mas a gente não tinha consciência sobre o que era a agroecologia. Nós tínhamos uma horta e nós, como estudantes, adorávamos jogar veneno. Mas o começo do processo de redemocratização do Brasil possibilitou a discussão na universidade sobre a agricultura alternativa, que criticava o modelo de agricultura que coloca a agricultura a serviço da indústria, o que é chamado hoje de agronegócio, com grandes consequências ambientais, sociais e econômicas. Para exemplificar, os “produtos químicos” das indústrias contaminam nossos alimentos, solo, água e biodiversidade e, portanto, nós mesmos.

A modernização do campo se iniciou no século XVIII e se intensificou após o fim da Segunda Guerra Mundial. No Brasil foi na Ditadura Militar, que a modernização do campo, a partir do pacote da Revolução Verde, foi implantada. Muito da parafernália desenvolvida durante a guerra contribuiu para a mecanização do campo e a implementação de herbicidas e inseticidas no país. É um pacote tecnológico adotado que contém venenos (agrotóxicos), os adubos químicos, as sementes, como os híbridos, e atualmente a irrigação intensa acompanhada da mecanização. O uso do pacote exige a uniformização dos cultivos, o que levou então ao monocultivo. No Brasil, o pacote viabilizou o latifúndio, pois é um modelo que não precisa de muitas pessoas no campo, e com isto retirou a reforma agrária da pauta.

João Goulart fez um esforço em favor da reforma agrária, mas foi deposto. Houve grande resistência dos latifundiários que diziam que a gente não precisa de reforma agrária, a gente precisa é de produzir. A narrativa para a implementação do pacote da revolução verde é que a agricultura tem que ser moderna, industrial, científica porque a gente tem que alimentar o mundo. Quem não se adequa a esse modelo está ultrapassado, é antiquado, é caipira, diziam. O que não é moderno, não é científico, não serve mais... Esta narrativa de que é científico e capaz de alimentar o mundo é muito poderosa. Mas sabemos que não é bem assim. O mito do “provado cientificamente” invisibiliza e/ou elimina muitas sabedorias populares, em um verdadeiro epistemicídio muito danoso à sociedade. Sabemos ainda que a narrativa de que tem que acabar com a fome do mundo fracassou. Eles estão aí há 80 anos produzindo o que eles chamam de alimento, mas as contas bancárias do complexo agroindustrial, e não as pessoas, é que foram muito bem alimentadas.

A universidade atuou para implementar o pacote tecnológico. Para implementar tal pacote de políticas públicas que alterou os currículos das universidades, as instituições de pesquisa e extensão e o crédito agrícola. Ao extensionista (formado pelas universidades) coube a função de levar as tecnologias “modernas”, pesquisado e testado pelas universidades e empresas públicas de pesquisa. Para viabilizar a aquisição do pacote, havia os programas de créditos. Para assegurar o agricultor, em caso de algum problema fora de seu controle, havia o Proagro. Se o agricultor não cumprisse o que o extensionista da universidade falava ele podia até perder a terra, pois a terra era penhorada. Se ele fizesse tudo conforme determinado pelo extensionista e desse algum problema, ambiental, por exemplo, ele teria assegurado o dinheiro que emprestou do banco, mas não o lucro que teria, para as suas necessidades. A gente brincava que não era o Proagro, mas era Probanco.

Muitos agricultores familiares resistiram a esse modelo. Na universidade as mudanças de percepção foram surgindo aos poucos. Livros como o de Raquel Carson - *Primavera Silenciosa* produziram impacto. Atitudes auto-críticas como a de José Lutzenberger, que tinha trabalhado com agrotóxico na Basf e se rebelou, em relação a isso, foram casos exemplares. Professores de Federais, como Pinheiro Machado, apontaram caminhos. E Ana Maria Primavesi, uma austríaca que migrou para o Brasil no pós guerra, surgiu como uma bruxa capaz de romper com a Revolução Verde e se tornar a matriarca da Agroecologia no Brasil ganhando uma ampla pro-



Irene Maria Cardoso

jeção junto com outros agrônomos, articulados com algumas Associações de Agrônomos nos Estados. As associações de São Paulo e Paraná com o apoio da Federação das Associações dos Engenheiros Agrônomos do Brasil (FAEAB) e da Federação dos Estudantes de Agronomia do Brasil, organizam, em Curitiba, o Primeiro Encontro de Agroecologia do Brasil (1981). Alguns estudantes de Viçosa foram ao encontro e voltaram dizendo que havia muitas críticas ao uso de venenos. Na minha cabeça isso caiu como um estalo: não pode mais usar veneno! Claro que não pode usar veneno! Aí os estudantes que já estavam se organizando em torno do movimento ambientalista, a exemplo do Grupo Alfa na UFV, começaram a se organizar, em todo o Brasil, em torno do tema da Agricultura Alternativa. Na UFV o grupo se chamava GAAV (Grupo de Agricultura Alternativa de Viçosa). O Alfa, além de um grupo de discussão, organizou também um restaurante vegetariano e uma comunidade, a comunidade Alfa da Violeira. Em Viçosa, o GAAV se desdobrou hoje em muitos grupos de agroecologia. Estes grupos foram as sementes de criação dos NEAs (Núcleos de Estudos em Agroecologia). O NEA da UFV é o ECOA (Núcleo de Educação do Campo e Agroecologia).

A comunidade Alfa da Violeira, em Viçosa, se transformou, em 1987, no Centro de Tecnologias Alternativas da Zona da Mata, que compôs a Rede PTA (Projeto de Tecnologias Alternativas), uma Rede de ONGs, base para a criação, em 2002, da Articulação Nacional de Agroecologia (ANA). E quem foi o grande teórico que embasava nossas discussões? Paulo Freire. Foi ele que mudou a visão sobre a extensão universitária. Seus livros, como *Extensão ou comunicação?*, dos anos de 1960, foram fundamentais para dar origem mais tarde a um princípio epistemológico importante para a agroecologia: a articulação dos saberes acadêmicos e populares. Para esta articulação é muito importante identificar, reconhecer e sistematizar o conhecimento popular. A Rede PTA se originou com o propósito de identificar, sistematizar e popularizar as tecnologias alternativas, que atualmente diríamos as tecnologias sociais, inventadas, adaptadas e utilizadas pelo povo.

No processo da identificação destas tecnologias esta Rede de ONGs, incluindo o CTA na Zona da Mata, encontrou o povo se reorganizando com o processo de redemocratização do país. Em vários lugares do Brasil, inclusive na Zona da Mata, os agricultores/as estavam organizando, ou reorganizando, os sindicatos dos trabalhadores rurais, com o apoio das CEBs (Comunidades Eclesiais de Base) que promoviam e promovem, de forma crítica, grupos de reflexão ancorados nos preceitos da Teologia da Libertação. Um dos fundamentos das CEBs é ver, julgar e agir, muito similar ao que Paulo Freire chama de Práxis (ação-reflexão-ação). Questões como: Por que se usa veneno? Como está a água? O que podemos fazer para melhorar a situação? A ideia do povo de identificar o problema, refletir sobre ele (a partir da bíblia) e ter a tarefa para mudar a realidade foi transformadora.

É importante compreender que a agricultura é muito antiga. A palavra cultura foi escrita pela primeira vez na palavra agricultura, que é a arte de cultivar o campo, é o conhecimento do ecossistema com intervenção humana. E ela leva a inúmeros conflitos por disputa de terra e recursos econômicos. O agronegócio diz para o pequeno agricultor que o que importa agora é o dinheiro no bolso, é articular a produção com o consumo para servir a indústria. Isso é que é ser moderno e ter qualidade de vida. O Seu Neném, um agricultor familiar, me disse certa vez, mais ou menos assim: “eles ficam falando pra gente que a gente não tem qualidade de vida, sem nos perguntar o que é ter qualidade de vida. Para mim qualidade de vida é ter uma relação com a natureza e com a família.” Se pergunta muito para o jovem porque ele vai para a cidade, mas não pergunta para o jovem porque ele fica no campo. Ele fica no campo por causa da agricultura, ele não fica no campo pelo agronegócio.



Foi um longo caminho para a agricultura alternativa da década de 1980 se transformar na agroecologia dos anos 2000. Até os encontros de agroecologia se consolidarem no Brasil em defesa da agricultura sustentável, ecologicamente correta, socialmente justa e economicamente viável. Os primeiros encontros de agricultura alternativa (precursores dos Congressos Brasileiros de Agroecologia (CBAs) nos anos de 1980 ocorreram já procurando articular conhecimentos técnicos com o conhecimento dos agricultores/as e a universidade, mas foi-se avançando com grandes aprendizados, inclusive com conexões com a América Latina. Entre 2013 e 2017, fui presidenta da Associação Nacional de Agroecologia (ABA) que me fez conhecer o Brasil e algumas experiências agroecológicas da América Latina. Um dos vários avanços que percebi foi que nos CBAs atuais participam crianças, jovens, adultos e idosos de todas as áreas de conhecimento (agronomia, ciências sociais, pedagogia, engenharia florestal etc.), agricultores/as, povos e comunidades tradicionais. A transdisciplinaridade é a força desse movimento democrático agroecológico que compreende a agroecologia enquanto movimento, prática e ciência. Enquanto ciência, a agroecologia estuda não apenas sobre a produção alimentos, e sim sobre o sistema agroalimentar. Estudos devem ser feitos cada vez mais contextualizados, a partir da compreensão, como nos ensinou Paulo Freire, de que o conhecimento deve ser construído a partir do diálogo com a população e do olhar sobre o que as pessoas fazem para solucionar seus problemas.

Mas a força do capital é imensa. Do jeito que está esse sistema político não vamos avançar como precisamos. O agronegócio quer convencer que é popular e que até a agricultura familiar é agronegócio. AgriCULTURA está virando sinônimo de agriNEGÓCIO. Faz pouco tempo que um laboratório do meu departamento estava comemorando em um evento de 45 anos a serviço do agronegócio. O que é isso? Perguntei. Achei que eram 45 anos a serviço da agricultura!

Não tem como negar. Lula e a Dilma apoiaram a agricultura familiar. Sabe a frase – *Nunca antes na história desse país*. É isso! Nunca antes na história desse país o agricultor familiar teve acesso à luz elétrica, a partir do Programa Luz para Todos; programas institucionais de compras de alimentos direto da agricultura familiar, como o PNAE (Política Nacional de Alimentação Escolar) e PAA (Programa de Aquisição de Alimentos); Programa Nacional de Habitação Rural (PNHR); Política Nacional de Agroecologia (PNAPO) e Produção Orgânica; Programa de Crédito Fundiário e tantos outros. A razão por que desses serviços não terem chegado ao campo tinha relação com inúmeros preconceitos que escondiam a vontade de poder e controle das elites. O PAA e o PNAE apoiaram a agroecologia, pois apoiou a diversidade. Não é cadeia disto ou daquilo (café, leite, soja...). No PAA e PNAE compra-se o que é produzido. A sociedade civil organizada contribuiu muito para a elaboração destas políticas públicas. A PNAPO por exemplo, foi reivindicação da Marcha das Margaridas e foi elaborada de forma participativa, com imensa contribuição da Articulação Nacional de Agroecologia (ANA). A Conquista de Terra em Conjuntos, de Araponga em Minas Gerais, inspirou a política de crédito fundiário do governo Lula.

Na Zona da Mata e também em outras regiões do Brasil, a agroecologia, no meu entender, se ancora no tripé técnica (com assessoria do CTA e apoio da UFV), movimentos sociais (a exemplo dos sindicatos) e espiritualidade (CEBS). O apoio de membros da UFV se dá a partir da compreensão do papel da extensão universitária. Segundo o fórum de Pró-Reitores de Extensão, a extensão universitária é, ou deveria ser, quem articula o ensino e a pesquisa. A extensão, não no sentido de estender, mas de alargar a universidade é maior do que a sala de aula. Nas universidades, a indissociabilidade entre a pesquisa, a extensão e o ensino é uma obrigatoriedade constitucional desde 1988. Este é um princípio muito importante para construir a agroecologia enquanto movimento, ciência e prática.



Irene Maria Cardoso

Mas a agroecologia é marginal na universidade e sempre foi. Nos governos do PT, recebemos apoio como nunca. Tivemos a oportunidade de acessar vários editais de pesquisa em interface e extensão e construímos os NEAs. Entretanto, temos que admitir que o apoio foi ainda maior para aqueles que contribuíram para a hegemonia do agronegócio, tanto nas universidades quanto fora. O programa de crédito continua favorecendo a implantação do pacote tecnológico da Revolução Verde. Ainda não ganhamos o debate, mas vamos ganhar. Muitos cientistas internacionais já apontam o fracasso do atual modelo de agricultura para a produção de alimentos saudáveis sem agredir a natureza. Os mesmos cientistas apontam a agroecologia como caminho alternativo, mas para isto precisamos de apoios efetivos de políticas públicas. A construção de tais políticas é uma tarefa de toda a sociedade, em um processo democrático de amplos debates.

A sociedade ainda acha que é o agronegócio que produz alimentos. Não é verdade. A agricultura familiar é que produz nossos alimentos. O agronegócio produz *commodities* para a exportação e isto faz a balança comercial ser positiva. Mas na divisão internacional de produção do trabalho na América Latina cabe apenas a função de produtora de matéria prima. Continuamos não beneficiando os alimentos produzidos no Brasil. A Holanda é o segundo maior importador da soja do Brasil e a transforma, por exemplo, em carne e leite. Daí o beneficiamento ser o principal produto. Para a produção de agrotóxicos as empresas são isentas do pagamento de impostos. Agrotóxicos adoecem as pessoas e mata. Daí sobrecarrega o SUS (Sistema Único de Saúde). O Brasil importa praticamente todo o fertilizante utilizado na agricultura. A importação é mais de 50% do fósforo, de 70% do nitrogênio e de 90% do potássio. Portanto, a produção baseada em fertilizantes químicos não é sustentável, pois não é autônoma. Com que custo tudo isso? Não se olha para a agricultura familiar como deveria... Toda a verdura e fruta que eu preciso eu pago muito menos do que pago com os produtos beneficiados... é a regra da indústria aplicada à agricultura familiar que não favorece a agricultura familiar... Lula e Dilma favoreceram o agronegócio, mas o agronegócio não vota neles. Por quê? Porque parte dessas políticas para a agricultura familiar mexeram com as estruturas, o pensamento, a compreensão de mundo... foi algo profundo...

O que a América Latina representa para a agroecologia?

A América Latina é muito importante para a agroecologia. A tradução em 1989, por Patrícia Vaz, do livro *Agroecologia: as bases da agricultura alternativa*, editado pelo chileno Miguel Altieri, contribuiu muito para a transição, na década de 1990, da agricultura alternativa para agroecologia. A participação de brasileiros em cursos, como os promovidos pelo CLADES (Consorsio Latinoamericano sobre agroecologia y desarrollo) assim como inúmeras visitas em experiências nos países vizinhos também contribuíram para tanto. As articulações com a SOCLA (Sociedade Científica Latino-americana de Agroecologia) também contribuíram para o avanço da agroecologia na América. A SOCLA já foi presidida pela colombiana Clara Nichols e atualmente é presidida pelo argentino Santiago Sarandon.

De onde vêm os princípios da agroecologia enquanto ciência? Vem da sistematização do conhecimento dos povos tradicionais latino-americanos. No México, por exemplo, o professor de etnobotânica Efraim Hernández começou a mostrar a importância dos sistemas alimentares de tradições indígenas que existem até hoje, como os maias. Os mexicanos Narciso Barrera-Bassols e Víctor Toledo escreveram o clássico *Memória Biocultural – A importância ecológica dos saberes tradicionais*. Portanto, podemos dizer que a agroecologia não nasceu na academia. Os princípios da agroecologia, enquanto ciência, são anunciados a partir do encontro entre o



saber acadêmico com os saberes populares. Por isto, talvez, a agroecologia ainda seja rejeitada por muitos da academia. A agroecologia, como concebemos hoje, nasceu na América Latina e não na Europa. Podemos então dizer que a agroecologia é um movimento político decolonial que busca a transformação dos sistemas agroalimentares insustentáveis e capitalistas e a busca do *bem viver*. O equatoriano Alberto Acosta sistematizou o conceito Sumak Kawsay, de origem quíchua, que expressa o *Bien Vivir*, colocado na Constituição da Bolívia e Equador com o intuito de construirmos sociedades verdadeiramente solidárias e sustentáveis.

Como é ser uma mulher defensora da agroecologia em uma universidade que fortalece o agronegócio?

Como já disse anteriormente, a universidade brasileira ainda permite o contraditório. Eu não me importo de estar contra o poder hegemônico, pois tenho segurança de estar no caminho certo. Eu não tenho uma contradição interna, eu não acho que estou errada, eu tenho coragem de enfrentar os desafios porque eu sei que estou do lado certo. A minha confiança vem da minha trajetória. Quando decidi sair de Caratinga para estudar, eu decidi fazer agronomia para trabalhar com a agricultura familiar. Então eu procuro fazer o que eu acredito, o que tem que ser feito e ... se não gostarem de mim, paciência. Em um momento de desmonte dos serviços públicos é importante afirmar que a estabilidade do emprego permite o contraditório. Trago comigo o princípio do trabalho. Eu jogo o jogo. Trabalho na extensão da mesma forma que em outras frentes de pesquisa e ensino. Trabalho muito. Então, podem não gostar de mim, mas respeitam o meu trabalho, de certa forma.

A sua postura combativa é interessante porque é muito anterior ao movimento feminista atual.

Mas a gente não tinha muita clareza do machismo, achávamos que era uma briga política. Era porque eu era do PT e da agroecologia. E o machismo confunde tem hora. Nunca aceitei os meus colegas de trabalho fazerem piadinhas constrangedoras quando as mulheres passavam, mas eles diziam você que é carola, conservadora. Daí, eu me confundia e pensava: “será que eu não gosto disso por conta da minha formação”?

Uma vez eu estava fazendo estágio com um agrônomo e ele me fez abrir a porteira o dia inteiro e exercer algumas tarefas que eu não estava preparada. E depois disse: “Mulher é assim mesmo, se quiser fazer agronomia tem que trabalhar com sementes em laboratório. Não pode trabalhar no campo.” Essa foi uma atitude bem machista. Depois de 20 anos encontrei com ele e consegui dizer como a atitude dele foi machista!

Faz pouco tempo que fui dar aula e abri a apostila da minha disciplina e percebi que em todos os lugares estava escrito o homem faz... o homem trabalha... o homem realiza... Na mesma semana uma estudante observou. Ela disse: “professora, essa apostila é muito machista” ...! Eu respondi: “Sim, depois de 29 anos utilizando a apostila esta semana eu percebi isto também”... Em outra oportunidade eu encontrei meninas tomando cerveja e discutindo com os homens sobre o feminismo. Pensei, esta consciência não tem volta!

Um dos slogans da agroecologia é “sem feminismo não há agroecologia”, por muitas razões, dentre elas porque não podemos aceitar a violência contra as mulheres. Na minha casa e na minha comunidade, não se aceitava a violência física contra a mulher. Então não vivi isso de perto, mas percebi desde cedo que havia racismo velado. Na agroecologia também dizemos: “com racismo, não há agroecologia”.



Irene Maria Cardoso

Para mim, uma das questões mais sérias do racismo no Brasil é o desrespeito à religiosidade do povo africano e indígena. Porque isso envolve espiritualidade, componente da cosmovisão, portanto, é muito profundo. Deve ser muito pesado carregar uma tradição milenar e ser chamada de macumbeira de forma desrespeitosa. No dia em que os terreiros e rituais indígenas forem considerados patrimônio imaterial do povo brasileiro, a gente começa a resolver o problema da nossa dívida histórica com esses povos.

O Camdomblé é agroecologia! Por exemplo, o trabalho do professor Jefferson Brandão da Universidade Estadual da Bahia trabalha essa questão ao colocar em evidência que: Um - Os orixás são representações da natureza. O insumo da agroecologia é a natureza. Estamos com a árvore que vai atrair insetos, estamos preocupados com a planta leguminosa que vai fixar o nitrogênio, estamos preocupados em manejar a natureza a partir da nossa cosmovisão, da forma como a gente pensa e acredita, sem veneno. Dois - As folhas da manga, da guiné, da espada de São Jorge são objeto de cura. Isso traz um conhecimento enorme sobre plantas medicinais. Muitas mulheres africanas com os seus patuás eram consideradas bruxas e muitas foram enviadas para a fogueira em Portugal porque dominavam o conhecimento das plantas medicinais! Três - Os terreiros de candomblé são comunidades, que expressam uma vida em comunidade conectada com a espiritualidade. Você alimenta os orixás com comida. E Orixá quer comida de qualidade, sem veneno como a agroecologia! Quatro - O terreiro é dominado por mulheres, assim como em muitas comunidades agroecológicas.

Irene, qual razão de fazer um doutorado na Holanda sobre a Zona da Mata? Isso não foi uma experiência científica colonizadora?

Não. Não foi porque o doutorado sobre os solos foi feito com muita autonomia e não me trouxe grandes problemas. A compreensão do solo como um organismo vivo é difícil de ser aceita tanto nas universidades europeias como nas universidades brasileiras. O pensamento hegemônico é do solo como substrato de colocar adubo e fixar planta. Embora questionado, este ainda é o pensamento hegemônico, tanto lá, quanto cá.

Percebi a questão colonial em outros momentos. Alguns europeus fazem pesquisa no Brasil, tiram suas conclusões e, às vezes, nem agradecem! Alguns não reconhecem o nosso valor enquanto cientistas, nos tratam como se fossemos técnicos de campo. Usa o nosso conhecimento, usa a estrutura da universidade e não tratam a gente na mesma condição. Eu vou na sua terra e acho que compreendo melhor do que você que vive nela há 30 anos... E escrevo sobre isto sem chamar você para ser coautor/a! As taxas universitárias é outro problema. Se um de nossos estudantes quer fazer parte de seu trabalho na Holanda, temos que pagar e caro, o que não acontece com os estudantes deles quando vêm para o Brasil! Demorei anos para entender que isso é colonial...

No que se refere à agroecologia, só recentemente a Europa começou a reconhecê-la. Penso que não respeitam porque há um pensamento colonial. A agroecologia, como a entendemos, não nasceu na Europa! Muitos ainda aceitam a palavra agroecologia (ciência em movimento), eles aceitam a palavra separada agro-ecologia (ecologia agrícola). Aceitam a agroecologia enquanto ciência e prática, mas não aceitam facilmente a agroecologia enquanto movimento político de transformação dos sistemas agroalimentares.

Parece-me que isto tem uma relação com a falsa neutralidade da ciência. Bom, a ciência não é neutra e tem um monte de interesse econômico e político envolvido. O que é ético? O que é neutro? A não neutralidade não pode ser confundida com falta de ética. Deve assumir que não é neutro com muita ética.



Como foi a construção da Troca de saberes na universidade?

Não me preocupo com cargos na universidade, não busco reconhecimento institucional, evito disputas neste campo. A Troca Saberes surgiu a partir do Programa de Extensão Universitária Teia, na UFV. A ideia é colocar em diálogo a universidade, os/as agricultores/as familiares camponeses/as, os indígenas, os quilombolas, os sem terra, educadores, jovens, idosos e crianças. Todos que queiram participar. O evento é realizado anualmente há 12 anos. Durante o evento há muitos aprendizados de fortalecimento. A Troca de Saberes nos traz resistência e resiliência. Compreendemos assim que temos que continuar com resistência e resiliência com atenção com aquilo que conseguimos interferir no momento, e aos poucos vamos construirmos as bases de uma transformação efetiva.

Referências

- ALTIERE, Miguel. **Agroecologia: as bases da cultura alternativa**. Rio de Janeiro: Fase, 1989.
- ACOSTA, Alberto. **O bem viver: uma oportunidade de imaginar outros mundos**. São Paulo: Editora Elefante, 2016.
- BRANDÃO, Jefferson Duarte. Etnoecologia e candomblé: contribuições para agroecologia. **Cadernos de Agroecologia**, [S.l.], v. 10, n. 3, may 2016. ISSN 2236-7934. Disponível em: <http://revistas.aba-agroecologia.org.br/index.php/cad/article/view/19053>. Acesso em: 30 oct. 2020.
- CARDOSO, I.M.; SOUZA, N. A. ; Aguiar M. V. ; DAMIGO, L. ; Amancio C. . Núcleos de Agroecologia: tecendo redes solidariedade, diversidade e resistência. **Revista Brasileira de Agroecologia** (Online), v. 13, p. 1, 2018.
- CARSON, Raquel. **Primavera Silenciosa**. São Paulo: Gaia, 2010.
- FREIRE, Paulo. **Comunicação ou extensão?** São Paulo: Paz & Terra, 1983.
- PINHEIRO MACHADO, LUIZ Carlos. **A dialética da agroecologia: contribuição para um mundo com alimentos sem veneno**. São Paulo: Expressão Popular, 2017.
- PRIMAVESE, Ana Maria. **Cartilha da Terra**. São Paulo: Expressão Popular, 2020.
- TOLEDO, Victor M.; BARREIRA-BASSOLS, Narciso. **La memória biocultural: la importancia ecológica de las sabidurías tradicionales**. Barcelona: Icaria Editorial, 2008.